

A aventura de Pasárgada

Jordi Cerdà Subirachs

Tradução Maryllu de Oliveira Caixeta

Vou-me embora pra Pasárgada.
Aqui eu não sou feliz.
Lá a existência é uma aventura.
Manuel Bandeira

Para Joaquim Bustrenga-Etxauri, poeta de Pasárgada

Tomar a existência como uma aventura talvez seja um caminho reservado aos mais audazes. Manuel de Seabra fez de sua vida uma aventura vital e intelectual pouco comum entre os escritores peninsulares de sua geração. Saiu de Portugal muito jovem e viajou sem rumo, com a única certeza de que se tornaria escritor. *On the road*, como os poetas *beat* que traduziu e que, em boa medida, quis emular, viveu na França, Brasil, Inglaterra, Tchecoslováquia e Suécia, exercendo as mais diversas profissões. Viajou pela URSS mais oficial e também se embrenhou pela mais misteriosa; conheceu Samarcanda, Bukhara e Tashkent. No entanto, houve uma cidade na qual se estabeleceu ainda jovem, já no início da década de 1950, e onde acabou fixando definitivamente sua residência vinte anos depois: Barcelona. O atrativo que o levou à capital catalã não foi outro senão o esperantismo. Seabra, como ele próprio relatou, interessou-se pela língua de Zamenhof ainda menino. Na biblioteca de seu liceu lisboeta, passava o tempo folheando a *Enciclopédia Espasa* e teve, portanto, a oportunidade de acompanhar, na entrada de cada vocábulo, sua respectiva tradução em sete línguas, nesta ordem: francês, italiano, inglês, alemão, português, catalão e esperanto. O poliglotismo exerceu um poderosíssimo fascínio sobre Seabra, e o esperanto foi a chave que lhe abriu as portas para uma diversidade cultural que pouco compreendia de fronteiras ou de Estados, e muito menos de impérios.

Seabra logo entraria em contato com o núcleo esperantista catalão e catalanista, e, em particular, com Delfí Dalmau (1891-1965), representante territorial da Akademio de Esperanto. Desde o início do século XX, na Catalunha havia se consolidado uma rede esperantista que trouxe figuras de destaque em nível internacional, como foi o caso de Frederic Pujulà (1877-1963), que divulgou não apenas o utopismo linguístico, mas também a literatura utópica, sendo um dos pioneiros da ficção científica em língua catalã.

Delfí Dalmau já havia desempenhado um papel de grande relevância no esperantismo durante o período entre guerras, mas é no pós-guerra espanhol que ele mantém uma atividade corajosa em favor do universalismo linguístico, apesar da perseguição imposta pelo franquismo a essa interlíngua e à sua rede internacional desafiante — para o regime —, tão organizada e eficiente que chegou até o jovem Manuel de Seabra. Dalmau foi um destacado representante do catalanismo liberal, de orientação wilsoniana, que sempre buscou um equilíbrio persistente entre o nacionalismo e o universalismo. Publicações como *Messidor* (1918-1931), cujo subtítulo se definia como “revista quinzenal, regionalismo, solidariedade internacional, iberismo”, ou, mais tarde, *Clarisme. Pedidòdic de joventut, art i literatura* (1933-1934), em cujas páginas o próprio Dalmau colaborou, são exemplos claros dessa necessidade mais universalista do nacionalismo catalão burguês no período do entreguerras. Delfí Dalmau desenvolveu um importante trabalho como pedagogo.¹ Durante a ditadura franquista, não deixou de estabelecer vínculos com organizações internacionalistas; foi membro fundador, por exemplo, da Sociedade de Amigos da UNESCO. Seu pensamento linguístico, disseminado em múltiplos artigos de imprensa, concentra-se basicamente em dois ensaios: *Poliglotisme passiu* (Barcelona, 1936) e *Aclariments lingüístics* (Barcelona, 1962). Dalmau defendeu em todo momento o incentivo às línguas autóctones, seguindo os princípios da territorialidade linguística, de modo a articular um igualitarismo linguístico em escala planetária. Nesse sentido, como já foi mencionado, Dalmau pode ser considerado um precursor da abordagem ecolinguística, por seu interesse particular na interação entre as línguas, suas

¹ Fundou o Liceu Dalmau, uma academia de idiomas que partia do catalão como língua base. No pós-guerra, teve que mudar o nome e a orientação da academia, que passou a se chamar Instituto Belpost, centrado no ensino de conhecimentos administrativos e técnicos. Delfí Dalmau introduziu no Estado espanhol o aprendizado de idiomas por correspondência e, por meio desse recurso, incorporou a metodologia mais avançada da época: o sistema Linguaphone (Solé, 1998, p.10).

interferências e conflitos. Essa defesa de todas as línguas em pé de igualdade é, ao mesmo tempo, compatível e complementar com a defesa persistente de uma interlíngua internacional — no seu caso, o esperanto.

O ideário linguístico de Dalmau teve grande impacto em Seabra. Como veremos mais adiante, isso pode ser percebido numa revista como *Pasárgada*, na qual todas as línguas de origem peninsular ibérica estavam presentes de maneira igualitária, independentemente de sua dimensão. Mas, já anteriormente, na que podemos considerar a principal obra ensaística de Manuel de Seabra — escrita em parceria com sua companheira inseparável, a escritora goesa Vimala Devi —, *A literatura indo-portuguesa* (Lisboa, 1971), a primeira autoridade citada é a de Delfí Dalmau. O conflito linguístico no contexto colonial, ou seja, no interior do império português, é tratado sob essa perspectiva ecolinguística com um rendimento elevado que merece ser destacado.

Durante o primeiro franquismo, Delfí Dalmau publicaria, sob o pseudônimo de Poli Glot, alguns artigos de divulgação filológica e sociolinguística em duas revistas, em catalão, de intenção e perfil internacional(ista): *Antologia del Fets, les Idees i els Homes d'Occident* (1947-1948), de circulação privada, e *Occident* (1949-1950), sua (breve) continuação — revista clandestina que seria rapidamente suspensa por ordem do governo. À frente das duas publicações estava o jovem escritor Antoni Ribera Jordà (1920-2001), filho do lusitanista Ignasi Ribera Rovira.² Vale mencionar que o impulso internacionalista se estendia em todas as direções; no entanto, dois focos de interesse se destacavam particularmente: o lusitanismo herdado de seu pai e um occitanismo peculiar, um tanto hesitante, que rendeu a Ribera críticas por parte do catalanismo mais oficialista, o qual queria eliminar qualquer tendência que assimilasse a cultura catalã à occitana.³ A través

2 O caráter internacional dessas revistas é bastante evidente pelo seu formato, que imita o modelo bem-sucedido do *Reader's Digest*, distanciando-se, portanto, das revistas de cultura e literatura mais convencionais que costumavam ser publicadas naquele momento no Estado espanhol. No que diz respeito ao trabalho de Antoni Ribera à frente dessas duas publicações no contexto da clandestinidade imposta ao catalanismo pelo regime franquista, ver Samsó (1995, p.77-119) e, em um tom mais testemunhal, Faulí (1981, p.36-37 e p.44-46).

3 O lusitanismo — em sua vertente iberista — e o occitanismo mais ou menos reintegrador coincidem neste contexto, assim como também o fizeram no início do século XX. Não podem ser considerados ideais em competição ou em contradição (Martínez-Gil, 2016, p.185-186); muito pelo contrário: retroalimentam-se e tiveram um efeito galvanizador para um catalanismo exógeno (basicamente imperialista), que precisava estabelecer cumplicidades fraternas fora de seu espaço natural. Em relação ao internacionalismo linguístico, o esperantismo já fazia parte do horizonte iberista de Ignasi Ribera Rovira; assim o atesta sua correspondência com Teixeira de Pascoaes e a vontade de, entre ambos, interceder em uma assembleia de esperantistas

dessas publicações estabeleceu-se o elo e ponto de partida da trajetória dos lusitanistas mais destacados na Catalunha da segunda metade do século XX: o já mencionado Manuel de Seabra, que entraria em contato com esse núcleo por meio de Delfí Dalmau e de Fèlix Cucurull.

Seabra tornou-se, nominalmente, o correspondente em Lisboa da breve *Occident*. E perseverou, desde Portugal, na tarefa de dar visibilidade ao que era minoritário. Esteve à frente, junto com J. Felizardo Marques, Miguel Bruma e Henrique Tavares, da publicação *Neo. Cadernos literários*. O segundo número dessa revista, publicado em 1952, é inteiramente dedicado à literatura catalã; sua “Apresentação”, assinada por Manuel de Seabra, é um resumo da história literária da Catalunha e de suas relações com Portugal, no qual a figura de Ignasi Ribera Rovira ganha destaque especial. São publicadas, também, algumas “mensagens dos escritores catalães aos escritores portugueses”, nas quais se evidencia a diáspora do exílio catalão de 1939. Seabra agradece explicitamente a ajuda de três escritores na elaboração desse número da *Neo*: o já mencionado Antoni Ribera, a também jovem escritora M. Dolors Orriols e um exilado: Antoni Roure Torrent (1902-1955). Naquele momento, o político e escritor Antoni Roure estava radicado no México, país de onde provinha boa parte da correspondência de escritores catalães que participaram deste número da *Neo*. Mas também vale destacar que Antoni Roure era, à época, um dos membros mais ativos da Galeuzca, pacto histórico entre o galeguismo, o basquismo e o catalanismo, que teve uma reativação entre as comunidades de exilados no México e na Argentina, as quais impulsionaram o boletim *Galeuzca. Galiza-Euzcadi-Catalunya*.

Na colaboração e amizade entre Seabra e Cucurull temos, sem dúvida, um dos fios mais sólidos para acompanhar as relações entre Portugal e a Catalunha ao longo da segunda metade do século XX.⁴ Aponto agora um projeto que antecede *Pasárgada* e que não é referenciado na bibliografia sobre ambos os escritores. Refiro-me a *Paeninsula*, uma revista mencionada em suas

ibéricos (Cameirão, 2010, p.450).

4 O fruto dessa colaboração se manifesta numa série de publicações, tanto de um lado quanto do outro da Península, e também no continente americano. A bibliografia de Cucurull, assim como seu impacto na imprensa portuguesa e brasileira, pode ser consultada em Albó (1986, p.321-423). O arquivo pessoal de Cucurull está conservado na Biblioteca Fidel Fita, em sua cidade natal, Arenys de Mar (catálogo disponível em: http://felix.cucurull.biblioteca.arenysdemar.cat/opac_css/). A correspondência entre Seabra e Cucurull que mencionarei a seguir faz parte desse arquivo.

cartas, sobre a qual alimentaram a esperança de que fosse editada em Portugal, embora fosse impressa na Catalunha. As correspondências entre os dois escritores, no final da década de 1950, registram com clareza os problemas de censura e as dificuldades na circulação de publicações entre os dois Estados ditatoriais (ver a carta de Cucurull a Seabra, datada de Arenys de Mar, em 17 de fevereiro de 1958).⁵ Seabra e Cucurull cogitaram a possibilidade de que *Paeninsula* fosse um suplemento trimestral de outro projeto editorial mais generalista, voltado para o público português, *Dom Quixote* (carta de Cucurull a Seabra, 5 de março de 1958). Em sua resposta de 22 de abril, Seabra, na pós-escrita, anuncia a iminente publicação da revista, já com outra denominação: “Em breve sairá o primeiro número de uma revista ibérica chamada *Península Andante*. Os presságios de Macedo se cumpriram”. [“Aviat sortirà el primer número d’una revista ibèrica anomenada *Península Andante*. Els auguris d’en Macedo s’han acomplert”]. Por trás dessa iminente *Península Andante* — um novo título que parece uma homenagem a Lorca — está, de fato, António de Macedo, então responsável pelo Clube Bibliográfico Editex, a editora lisboeta encarregada da publicação. Macedo era amigo de ambos os escritores: com Seabra, compartilhava desde jovem o esperantismo e, por meio dele, conheceu Cucurull, a quem dedicara um ensaio inteiro sobre sua poesia.⁶ No entanto, a correspondência daqueles anos também reflete os desencontros entre os três amigos, motivados, sobretudo, pelo fracasso empresarial da Editex, que não apenas não cumpria as expectativas depositadas, como também arrastava seus participantes a uma situação econômica crítica.

Além de uma publicação periódica que aproximasse autores e públicos peninsulares, cabe destacar outro projeto — ou fixação — de Manuel de

5 Anos mais tarde, Cucurull participaria de outra revista chamada precisamente *Península* (cinco números, de dezembro de 1968 a dezembro de 1970). Essa publicação foi dirigida por José de Azevedo em Lisboa, sob o selo da Agência Internacional de Livraria e Publicações. Cucurull publicou, nos quatro primeiros números, artigos sobre o iberismo de Maragall e as relações culturais entre a Catalunha e Portugal.

6 A diversidade de facetas de António de Macedo (1931–2017) é difícil de resumir em poucas linhas. Talvez uma das áreas em que recebeu mais reconhecimento seja a cinematográfica. Arquiteto de formação, fundou, junto com o escultor Carlos Cama e Manuel de Seabra, a editora Clube Bibliográfico Editex, onde, entre outros autores — fundamentalmente portugueses —, publicaram Fèlix Cucurull. Entre 1960 e 1961, Macedo redigiria o ensaio *Da essência da libertação. Ensaio antropológico a partir da poesia de Fèlix Cucurull*, obra que já não foi publicada pela Editex (porque a editora havia sido encerrada), mas sim pela Sociedade de Expansão Cultural. No que diz respeito à relação entre Macedo, Seabra e Cucurull, tratei desse tema em Cerdà, 2012, p.53–54.

Seabra: o de criar uma coleção de antologias de poesia sob o selo da editora Clube Bibliográfico Editex. Na correspondência com Cucurull, Seabra menciona a possibilidade de trabalhar em uma antologia da moderna poesia provençal (sem dúvida, o contato de Antoni Ribera com um determinado ambiente occitanista em torno de Louis Bayle se revela nessa ideia), ou uma antologia da moderna poesia espanhola, que seria completada com outras duas: uma antologia da poesia galega e outra da catalã, a cargo de Fèlix Cucurull. Nessa mesma carta também se menciona a intenção de realizar antologias de “poetas universais”, e são apontados quatro nomes: Léopold Sédar Senghor, do Senegal; José Luís Cifuentes, da Guatemala; Giuseppe Ungaretti, da Itália, e Fèlix Cucurull, da Catalunha. Esse esboço de catálogo mostra de forma clara o caráter heterogêneo da seleção do ponto de vista estético, ao mesmo tempo em que expõe uma convicção universalista em uma linha que poderíamos considerar ecoliterária, coerente com o pensamento anteriormente apontado de Delfí Dalmau. Um projeto que, como veremos, Seabra teve a oportunidade de desenvolver mais tarde e que segue de forma paralela e complementar à revista *Pasárgada*.

Depois de mal-entendidos, angústias econômicas, rupturas e o fracasso consumado da Clube Bibliográfico Editex, Seabra comunica a Cucurull em 3 de outubro de 1960 que vai para o Brasil. A etapa brasileira termina rapidamente, e Seabra, junto com Vimala Devi, viverão por oito anos em Londres, onde finalizarão *A literatura indo-portuguesa*. Finalmente, em 1973, acabam se estabelecendo em Barcelona, com um breve intervalo em Lisboa. É da capital catalã que Manuel de Seabra e Vimala Devi desenvolvem uma notável atividade como escritores, tradutores e mediadores culturais.

Desde o início da década de 1970, Seabra colabora assiduamente com a Editorial Futura de Lisboa, dirigida por Carlos Fonseca e Silva; especificamente, ele fica responsável pela coleção "Antologia", onde, entre seus títulos, são divulgadas tradições não hegemônicas juntamente com outras de extrema atualidade. Aquele projeto esboçado a Cucurull por carta se tornaria realidade anos depois. Evidentemente, o contexto social e político era diferente; os componentes ideológicos de anos de grandes transformações sociais, os *sixties*, se refletem no catálogo de "Antologia". Seabra inicia sua colaboração com versões da poesia de Mao Zedong, que lhe renderiam uma certa celebridade e um considerável lucro para a editora; chegaram a ser vendidos

20.000 exemplares em uma época em que o Grande Timoneiro causava estragos no Portugal antes da Revolução. No catálogo de "Antologia", permanecem algumas das linhas de atuação sugeridas anos antes a Cucurull (a poesia occitana moderna ou a poesia catalã), e também se enfoca tradições que estão em destaque pelo contexto político: aquelas ligadas à descolonização africana, por supuesto, mas também à revolução cubana ou ao panorama da poesia soviética.⁷

No que diz respeito ao estrito papel de tradutor e mediador de Seabra entre a cultura catalã e a portuguesa, devemos, por ora, destacar seu papel excepcional no trato de ambas — Seabra traduz do e para o português e o catalão (como também, em menor medida, do e para o espanhol). Nos prólogos de *Pasárgada*, devemos ressaltar duas traduções que posicionam a cultura catalã em um momento especialmente sensível na história de Portugal. Em 1974, dentro da coleção "Antologia", Seabra publica a *Antologia da novíssima poesia catalã* (1974) e para as Publicações Dom Quixote, *A pele de touro*, de Salvador Espriu, um livro emblemático que, em sua tradução portuguesa, adquire uma dimensão iberista.⁸

Seabra, além de ter estabelecido contatos sólidos com a geração de escritores catalães mais antigos, que representavam os valores da cultura mais resistente (a Espriu já o havia encontrado em 1954, em sua primeira visita a Barcelona), também trabalhava lado a lado com as gerações emergentes que, em grande medida, estavam dispostas a romper não só com as estéticas

7 Para a Editorial Futura, Manuel de Seabra preparou os seguintes títulos dentro da coleção "Antologia": *Poemas* (1972), de Mao Tse-Tung; *Antologia da poesia provençal moderna* (1972); *Antologia da novíssima poesia norte-americana* (1973); *Da arte e da morte* (1973), de Miyamoto Masao; *Antologia da poesia soviética* (1973); *Poesia africana hoje* (1974); *Antologia da novíssima poesia catalã* (1974); *Ficção africana de hoje* (1975); *85 poemas realistas* (1974), do próprio Manuel de Seabra; *Poesia da revolução cubana*, junto com Joaquim Horta (1975); *Conto cubano da revolução* (1975), também com Joaquim Horta, e *Antologia da poesia visual europeia* (1977), junto com Josep M. Figueres. Estava anunciado *O tigre cativo*, de Pere Quart (Joan Oliver), mas não temos confirmação de sua publicação.

8 Sobre a relação entre Espriu, Manuel de Seabra e Vimala Devi, e, em especial, a tradução de *La pell de brau*, veja-se Martínez-Gil. Parece ser, como Seabra revelou em uma entrevista (Cerdà, 2014, p.185), que teve a oportunidade de mostrar sua tradução a José Cardoso Pires durante uma visita a Londres no início dos anos 70. Este recomendou sua publicação a Fernando Assis Pacheco, que, na época, trabalhava para a Dom Quixote, e foi somente em 1974, durante a Revolução dos Cravos, que o livro foi lançado nas livrarias portuguesas. Também mencionaria outro vestígio, desta vez cinematográfico, que aproximou a cultura catalã de Portugal no pleno processo revolucionário e no qual também participou, de maneira mais modesta, Manuel de Seabra. António de Macedo estreou seu filme *O rico, o camelo e o reino ou Princípio de Sabedoria* (1975), baseado no conto de Pere Calders "El principi de la saviesa" (1940), que havia sido traduzido para o português pelo próprio Seabra.

anteriores, mas também a estabelecer novos processos de vinculação com a instituição literária. *Antologia da novíssima poesia catalã* é um documento extraordinário e imprescindível para o estudo das novas tendências da poesia catalã durante a Transição. Alguns dos poetas jovens selecionados eram integrantes ou haviam participado da revista *Tarotdequinze* (1972-1975). O grupo de poetas que impulsionou esta publicação, surgida na Faculdade de Letras da recém-inaugurada Universidade Autônoma de Barcelona, organizou o Festival Gespa-Price no campus de Bellaterra. Os poetas de *Tarotdequinze* se tornariam a vanguarda de uma socialização e, claro, de uma politização da nova poesia, cujo resultado seria visível ao conseguir atrair em suas convocações um número significativo e qualificado de escritores e leitores. Seabra seria um deles: participante português do Festival Gespa-Price, onde também seria lida poesia galega e basca, seria o único poeta não catalão a subir ao palco. Da mesma forma que, como compensação, Seabra seria quem introduziria os poetas de *Tarotdequinze* em sua antologia para a Futura. Esse quadro de intercâmbio nos parece imprescindível para entender a aventura de *Pasárgada*, uma revista editada em Portugal, mas na qual grande parte de seus colaboradores jovens, assim como grande parte de sua intervenção, eram catalães. *Tarotdequinze* foi um marco dentro da chamada *revolta poètica*, uma opção de ruptura em relação à tradicional instituição literária⁹: “Servíem la subversió i així servíem la poesia” [“Servíamos a subversão e assim servíamos a poesia”] (ALTAIÓ, 1991, p.66). Entre uma juventude e um contexto — o universitário — altamente politizados, as propostas rupturistas se alinhavam claramente com uma esquerda radicalizada que questionava qualquer autoritarismo e fomentava a autogestão e a propaganda pelo fato. A *Internationale Situationniste*, por exemplo, havia feito sua presença na política e na estética.¹⁰ O próprio Seabra, na *Antologia da poesia visual europeia*,

9 Utilizamos *revolta poètica* partindo da exposição “A revolta poética: 1964-1982”, que foi comissariada por Vicenç Alaió e Julià Guillamon. Na contracapa do catálogo, diz-se: “Aquesta és la història d’un entusiasme. Entre el 1964 i el 1982 la poesia va esdevenir una alternativa a la grisor del franquisme i a les claudicacions de la Transició. Va canalitzar el desig d’un canvi de vida que es va traduir en imatges i paraules, actituds personals i esdeveniments collectius”. [“Esta é a história de um entusiasmo. Entre 1964 e 1982, a poesia tornou-se uma alternativa à monotonia do franquismo e às concessões da Transição. Canalizou o desejo de uma mudança de vida que se traduziu em imagens e palavras, atitudes pessoais e acontecimentos coletivos”] (Alaió & Guillamon, 2012).

10 Um grupo que optou pela luta armada para a agitação anticapitalista, como foi o Movimento Ibérico de Libertação (MIL), utilizou em seus meios de comunicação conceitos e expressões com clara inspiração na *Internacional Situationniste*.

adapta algumas vinhetas extraídas da revista *Internationale Situationniste* para o português. Com doses neovanguardistas, queria-se dar um ponto final tanto à cultura oficial franquista quanto ao realismo social oficialista e árido, ainda presente em grande parte do antifranquismo.

Um colaborador muito próximo de Seabra durante este período foi Josep M. Figueres. Figueres fazia parte da redação da *Tarotdequinze*, e com Seabra realizou a *Antologia da poesia visual europeia*, um dos volumes mais destacados da coleção “Antologia” para Futura. Também foi Figueres quem organizou a “Exposició de poesia visual ibèrica”, no final de 1975, em Sant Cugat del Vallès. Em sua convocatória, deixava explícita a abertura para “tots els pobles germans d’Ibèria” [“todos os povos irmãos da Ibéria”]; no entanto, os únicos autores portugueses que participaram foram Seabra e Vimala Devi. Durante esses anos, a poesia visual ganhou um importante eco internacional, criando círculos entre seus operadores e as tradições que representam.

O único número da *Pasárgada. Revista de Cultura* apareceu no inverno de 1976. Constavam como diretores Manuel de Seabra e Carlos Fonseca e Silva, diretor da Futura; sua direção postal era o número 95 da Rua Coelho de Rocha, em Lisboa. O número era aberto por um breve editorial redigido em cinco línguas — basco, espanhol, catalão, galego e português.

Vivendo no mesmo espaço geográfico e cultural, os povos da Ibéria preferem ignorar-se mutuamente. Bascos, galegos, catalães, portugueses, castelhanos e as culturas que nossa trajetória histórica originou no mundo, estamos juntos, mas como se estivéssemos em planetas diferentes. “Pasárgada”, além de sua mitificação como Eldorado dada pelo brasileiro Manuel Bandeira, pretende ser o ponto de partida para um conhecimento mútuo mais profundo, para um maior e mais total respeito pelos nossos valores de civilização (Pasárgada, 1976, p.3).

O sumário consistia em um dossiê dedicado à literatura portuguesa durante o processo revolucionário em andamento e de dezenove colaborações de escritores nas cinco línguas já presentes no editorial.¹¹ O número era

¹¹ Os autores que participaram deste número foram Jorge Amado, Luis Haranburu-Altuna, Blas de Otero, Xabier Kintana, Gabriel Aresti, Fernando Assis Pacheco, Agustí Bartra, Joan Brossa, Maria Aurèlia Capmany, José Corredor Matheos, Manuel Fernández Nieto, Raúl Guerra Garrido, Camilo Gómez Torres, Manuel María, Gramiro de Matos, E. M. de Melo e Castro, Joan Oliver, Raimon e Urbano Tavares Rodrigues. Se agrupamos por idiomas, cinco autores entrevistaram em português, dois dos quais provenientes do Brasil; três em basco, única língua traduzida (para o espanhol); quatro em espanhol; cinco em catalão e dois em galego. As resenhas foram assinadas por Àlex Broch, Joaquim Brustenga-Etxauri, Miquel Desclot, Josep M. Figueres, E. M. de Melo e Castro, Hans T. Möller, Miquel de Palol, Jaume Pont, Manuel de Seabra e Carlos Fonseca e Silva. Dos dez resenhistas, portanto, mais da metade eram de origem catalã.

completado com uma seção de resenhas, a convocatória do Prêmio Internacional *Pasárgada* na modalidade de conto e uma breve apresentação dos colaboradores.

As informações fora do sumário, nos paratextos, nos orientam sobre a intencionalidade e o contexto de *Pasárgada*. Costurado ao miolo da revista, havia, por um lado, um boletim para preencher uma eventual assinatura de *Pasárgada* e, por outro lado, outro boletim de um serviço bibliográfico para que os leitores pudessem preencher um pedido dos livros que haviam sido resenhados na revista. *Pasárgada*, portanto, funcionava como um catálogo de novidades oferecido a um público potencial, um *círculo de leitores*; um projeto que parecia inspirado no marketing do mundo editorial dos *sixties*, em um contexto claramente alternativo — ou contrário — à óbvia obtenção de lucro econômico. Tratava-se, antes, pela seleção das obras resenhadas e, portanto, colocadas à venda, de alcançar a autogestão de iniciativas editoriais empenhadas que traçavam laços de solidariedade entre leitores e produtores. Podemos citar, por exemplo, os três livros que são resenhados e oferecidos da coleção *Cristalls*, de Barcelona, dirigida pelo já mencionado Vicenç Altaió, ou dois da editora A Comuna, de Lisboa, onde Seabra traduzia obras do russo, ou, finalmente, um livro de António Aragão editado às custas do próprio autor. Evidenciava-se uma estratégia voltada à criação de um mercado ibérico literário, multilíngue e solidário — passo que parecia inegociável para aqueles que desejavam sustentar um “mesmo espaço geográfico e cultural”, aquele que era defendido pela editora. Na contracapa da revista, como um manifesto, anunciava-se nas cinco línguas: “É necessário acostumar-nos a ler indistintamente nas línguas de todos os povos da Península.”

A única publicidade que aparece em *Pasárgada* é a de outra revista: *Kurpil. Revista vasca de creatividad*. Um dos diretores dessa publicação de Donostia (San Sebastián), Raúl Guerra Garrido, publica, em língua espanhola, a narrativa “Porque disparé” em *Pasárgada*.¹² Na página 138, pode-se ler a relação de autores para um segundo número que nunca chegou a ser publicado e que aprofundava certas linhas ideológicas, estéticas e também pessoais já

12 Guerra Garrido, escritor leonês radicado em San Sebastián, obteve naquele mesmo ano de 1976 o Prêmio Nadal por *Lectura insólita del capital*, seguramente um dos primeiros romances de grande divulgação sobre o conflito no País Basco. A narrativa “Porque disparé” compartilha essa mesma temática. Em 1976, Guerra Garrido impulsionou e fez parte da redação de outra revista: *Kantil*.

presentes no primeiro número.¹³ Na convocatória do Prêmio Internacional de Conto Pasárgada de 1977, podiam concorrer livros de contos inéditos escritos em qualquer uma das cinco línguas presentes na revista. O resultado deveria ser divulgado na “véspera do solstício de verão” de 1977 — assim diziam as regras —, e o júri era composto por Basilio Losada, Manuel de Seabra, Francesc Rodon, Joan Oliver, Ibon Sarasola e Carlos Silva; no entanto, até onde sabemos, ele nunca chegou a se constituir. Mais um dos caminhos interrompidos.

Como já mencionamos, o único número de *Pasárgada* inclui o dossiê *A literatura em Portugal de 25 de abril de 1974 a 25 de novembro de 1975*. O processo revolucionário português era acompanhado pela opinião pública internacional e, especialmente, pelos demais povos peninsulares ibéricos. A morte do general Franco, em 20 de novembro de 1975, havia aumentado as expectativas de mudança em toda a Península Ibérica e, como ressalta a revista, também em todos os territórios com os quais se compartilhavam laços culturais. O dossiê “reúne (ainda que de forma incompleta) documentos dispersos de inegável valor histórico e de grande importância para o conhecimento da influência do 25 de Abril na literatura portuguesa” (*Pasárgada*, 1976, p.4). De fato, ao longo de cerca de vinte páginas (1976, p.4-27), sucedem-se recortes de notícias, manifestos ou entrevistas sobre o papel do escritor no processo revolucionário. Insiste-se na dialética entre o escritor *engagé*, geralmente militante do PCP, como Ary dos Santos, e o escritor independente, *para além dos partidos*, como Fernanda Botelho. Diversas editoras (Arcádia, Portugália Editora, Publicações Dom Quixote, Edições 70 ou Seara Nova) respondem à pergunta inevitável sobre a nova orientação de seus catálogos após o fim da ditadura — um processo de adaptação às exigências de um público que demanda uma democratização em todos os níveis.

Entre os manifestos reproduzidos, destacamos “Apelo com resposta: Liberdade de escrita”, redigido por Eduardo Lourenço, José Augusto Seabra, Liberto Cruz, José-Augusto França, João Palma-Ferreira, Fernando Echevarría,

13 A relação de autores para o número seguinte é a seguinte: Jorge G. Aranguren, Àlex Broch, Joaquim Brustenga-Etxauri, Marcus Cumberlege, Maria Aurèlia Capmany, Pere Calders, Josep M. Figueres, Bernardino Graña, Xosé Lois García, Egito Gonçalves, Joaquim Horta, Luis Haranburu-Altuna, Jon Juaristi, Xabier Kintana, Andu Lertxundi, Basilio Losada, Anna Murià, E. M. de Melo e Castro, António de Macedo, Carlos Nejar, Manuel de Pedrolo, Teresa Pàmies, Jaume Pont, Miquel de Palol, Anton Sala-Cornadó, Juan San Martín, Abel Silva, Jaime Sautchuk, Gildo Santos, Manuel de Seabra, Gorka Trintxerpe e Manuel Alberto Valente.

Vergílio Ferreira e José Sasportes. Trata-se, sem dúvida, de um texto fundamental e claro a respeito dos temores presentes naquele período: o medo de ver novamente ameaçada a liberdade de expressão, o receio de talvez passar de uma ditadura a outra, “assumindo em ato com este apelo a liberdade de escritores da qual não abdicamos” (*Pasárgada*, 1976, p.19). Esse “Apelo” foi reforçado por outro, “58 [escritores a mais] em defesa da liberdade”, que incluía um “Esclarecimento”, no qual se fazia uma ressalva e se advertia que “os signatários declaram que a adesão que deram ao texto Apelo com resposta — liberdade de escrita expressa a sua solidariedade com a defesa da liberdade ali expressa, mas não se consideram vinculados à visão de cultura que o mesmo texto propõe. Sophia de Mello Breyner Andresen, Manuel Alegre, João Bénard da Costa, Carlos Albino. 21 de dezembro de 1974.” Os debates e polêmicas gerados pelo “Apelo” e suas posteriores nuances deixaram um rastro esclarecedor sobre a problemática do papel do escritor no e a partir do processo revolucionário português. E *Pasárgada* dá testemunho de como a importância dessa polêmica foi rapidamente percebida entre os documentos gerados naquele momento crucial.

Talvez tenha ainda mais valor a inclusão, em *Pasárgada*, do manifesto “Projecto de exPoesia”, que passou muito mais despercebido e que tem um significado singular na revista, porque seu redator, o brasileiro Gramiro de Matos, teve uma participação destacada nela. O manifesto havia sido publicado originalmente no semanário *Expresso*, em 7 de dezembro de 1974. Segundo nos contou o próprio Gramiro de Matos, Seabra entrou em contato com ele em consequência dessa publicação — sempre por carta, já que nunca chegaram a se conhecer pessoalmente. O “Projecto de exPoesia” começa com uma afirmação contundente: “A Revolução Afro-Portuguesa que explodiu em cravos de Abril vem realizando um surpreendente e originalíssimo projecto de libertação colectiva — não só de cada povo individual como dos povos dos vários e dessemelhantes países em conjunto” (*Pasárgada*, 1976, p.14). Defendia-se, portanto, uma revisão da história para o:

desenvolvimento da revolução intercontinental e multiterritorial que estamos vivendo’, que só era possível “dentro do conhecimento da realidade política-psíquica-social-histórica-linguística destes povos interdependentes, conhecimento que está vivo na cultura e arte que, diferenciando o nacional e reunindo o universal, pinta as cores e inventa a poesia de cada país.

Possivelmente, Seabra interpretou que o que era válido nesse manifesto para os povos colonizados por Portugal também era válido, no contexto da revista *Pasárgada*, para todos os povos ibéricos. O “Projecto de exPoesia” foi assinado por Sebastião Nunes (Brasil), Polvo Cheirinho (Moçambique), Agostinho Neto (Angola) e o próprio Gramiro de Matos. Como se indica ao final do texto e após a assinatura de seus redatores, “esta proposta não teve continuação.”

Gramiro de Matos era uma figura do mundo literário emergente do movimento tropicalista. *Pasárgada* (1976, p.145-146) apresenta esse seu colaborador da seguinte maneira:

O (G)ramiro, o (g)Ramiro, ou o Ramiro ão ão —como lhe chama Jorge Amado—, é um poeta de uma inventiva assombrosa. Baiano até ao mamão, talvez por isso tenha publicado *Os morcegos estão comendo os mamãos maduros*, considerado um dos livros mais importantes dos que se publicaram no Brasil em 1973. Já antes tinha aparecido *Urubu-Rei* (1972). Está a terminar um romance-reportagem intitulado: *Depoimento de Manuel Lira, revolucionário anticolonialista baiano sobre a descolonização portuguesa*. Assistiu à revolução de Abril em Lisboa, mas foi embora chateado logo que ela acabou, num é? Está prestes a aparecer, editada pela Futura, uma *Antologia da Novíssima Poesia Brasileira*, que organizou com Manuel de Seabra. (*Pasárgada*, 1976, p.145-146)

Sua relação com o grande Jorge Amado talvez explique por que *Pasárgada* publicou um texto inédito dele: “Fragmento da narrativa feita por Tiêta à bela Leonora Cantarelli”.¹⁴ Naquele momento, Gramiro de Matos estava imerso na investigação das relações entre a cultura brasileira e as culturas africanas; é representativo, portanto, de uma tendência entre a juventude brasileira mais ousada — aqueles “hippies cabeludos e de *jeans* surrados”, como o próprio autor menciona — que buscavam na África o espaço para a construção da utopia. Gramiro contou, no Brasil, com o aval de Jorge Amado e, na Europa, também coincidiu com Glauber Rocha em sua fase final, com quem manteve uma intensa relação criativa. Gramiro é, portanto, uma figura que se situa em uma posição de destaque dentro da cultura brasileira mais avançada daquele momento, apesar de seu brilho ter se apagado com o tempo, até tornar-se quase despercebido na atualidade. Seabra percebeu rapidamente o

14 Como se indica ao final do texto, o fragmento de Amado provém “do romance *Tiêta do Agreste. Pastora de Cabras ou a Volta da Filha Pródiga. Melodramático Folhetim em Quatro Sensacionais Episódios. Emoção e Suspense em preparo*”. De fato, o romance foi publicado meses depois, em 17 de agosto de 1977.

talento e a oportunidade que Gramiro representava e, como se informa em sua apresentação em *Pasárgada*, ambos os escritores estavam envolvidos na elaboração conjunta de uma antologia de poetas brasileiros. A *Antologia da novíssima poesia brasileira* foi publicada em Lisboa em 1981, não pela Futura — já extinta na época —, mas pela editora Horizonte, e teve um impacto notável no Brasil. Sua generosíssima inclusão de poetas não enfraqueceu uma forte convicção anticolonial dentro de um contexto estético que já alcançava plenamente o pós-modernismo.¹⁵ Se lançarmos um olhar sobre os autores brasileiros que deveriam participar do segundo número de *Pasárgada*, podemos prever que a revista poderia ter sido uma janela europeia para esse tardio tropicalismo literário. Mas, assim como no caso do “Projecto de exPoesia”, “esta proposta não teve continuação.”

Pasárgada inclui duas contribuições teóricas portuguesas relevantes, assinadas por E. M. de Melo e Castro e por Urbano Tavares. Ambos os textos faziam parte das respectivas comunicações apresentadas por seus autores no IV Congress of the International Association of Literary Critics, realizado em Lisboa entre os dias 29 de março e 2 de abril de 1976.¹⁶ O texto de E. M. de Melo e Castro intitula-se “A crítica como leitura ou o Humanismo que nos lê”, e o de Urbano Tavares Rodrigues, “A crítica na criação literária (testemunho de um romancista)”.

O texto de Melo e Castro é um apelo à renovação da metodologia literária no sistema português; são citados tanto o formalismo russo quanto o novo criticismo, a teoria da informação ou o denso experimentalismo literário da época. Ao final do artigo, Melo e Castro conclui — solenemente — com uma frase (ou proclama): “O homem lê-se no mundo que o lê. Texto. Texto.” (*Pasárgada*, 1976, p.113). Melo e Castro consegue cristalizar, numa espécie de apotegma, sem citá-lo explicitamente, o textualismo — o mais novo entre o novo —, uma das tendências mais distintivas daquele momento.

¹⁵ *Antologia da novíssima poesia brasileira*, organizada por Gramiro de Matos e Manuel de Seabra, Lisboa, Livros Horizonte, 1981. Sobre essa antologia, Perrone (2007) escreveu: “Os antologadores Matos e Reabra [sic] — num trabalho realizado em Portugal, mas que circulou pelo Brasil — buscaram uma contextualização anticolonialista ‘pós-modernista plural e transformadora’, já que metade dos seus cinquenta poetas estava associada a algo (neo)vanguardista.”

¹⁶ As atas desse congresso foram publicadas no ano seguinte, em 1977, sob os auspícios da Association Internationale des Critiques Littéraires, da Secretaria de Estado da Cultura, do Instituto da Alta Cultura e da Fundação Gulbenkian. Participaram destacados críticos e autores portugueses, assim como um numeroso grupo internacional; entre eles, apenas um espanhol: o catalão Guillermo Díaz-Plaja.

A contribuição de Urbano Tavares Rodrigues, que mais tarde se autodefiniria como comunista heterodoxo, gira em torno do efeito da Revolução na escrita e na representação do mundo; ele constata que, em seu querido Alentejo, “os homens mudaram e com eles a linguagem” (*Pasárgada*, 1976, p.127). Particularmente interessante é sua declarada afinidade com a literatura sul-americana e com o chamado *realismo mágico* — uma narrativa que, segundo ele, deveria ser levada muito em conta em Portugal, para que a Revolução pudesse alcançar sua epopeia. A esse respeito, ele aponta duas obras que considera emblemáticas: o já consagrado romance de Gabriel García Márquez *Cem anos de solidão* e o não tão evidente *Redoble por Rancas* (1970), do peruano Manuel Scorza — uma escrita próxima à de Alejo Carpentier e ao profundo barroco americano. Esboça-se aqui um fundamento estético e ético que nos aproxima do que mais tarde seria o pós-modernismo barroco das últimas décadas do século XX, cujo representante mais acabado seria, de fato, um português: José Saramago.

Portugal foi, ao longo do século XX, frequentemente apresentado (ou reduzido) como um país lírico, de poetas. Dessa representação, quase contemporaneamente, lamentava-se Eduardo Lourenço em *O laberinto da saudade*. Em *Pasárgada*, no entanto, Portugal não é associado à preponderância do gênero poético. Em plena irrupção do *boom* Pessoa — que viria a se tornar o epônimo iminente de Portugal —, ele sequer é mencionado. Ainda assim, a única participação portuguesa no âmbito estritamente criativo são alguns poemas de Fernando Assis Pacheco (*Pasárgada*, 1976, p.52-54), provavelmente um dos escritores mais bem informados sobre a realidade literária entre os diversos sistemas peninsulares. Ao longo de sua trajetória, Assis Pacheco orgulhava-se de seu *castrapo*, de seu português contaminado pelo galego e também pelo espanhol.¹⁷ Essa foi uma forma a mais de expressão antiautoritária, de ruptura, de um dos escritores que talvez reflita com maior nitidez o que representou a Revolução dos Cravos. Entendendo-se, claro, como propôs Adorno, que as obras de arte são a historiografia inconsciente de si mesmas e de sua época.

17 Temos em mente a entrevista publicada na revista Grial (Viqueira, 1993). É notável como Assis Pacheco faz questão de demonstrar seu conhecimento das literaturas africanas de expressão portuguesa, assim como seu interesse pelo conflito linguístico e pelos espaços intermediários.

O fato histórico que determina grande parte de *Pasárgada* é, sem dúvida, o processo revolucionário português que irrompeu em 25 de abril de 1974. No entanto, há outro acontecimento que é registrado e que adquire uma dimensão singular neste primeiro número da revista: o falecimento do poeta Gabriel Aresti, ocorrido em 5 de junho de 1975. De repente, foi interrompida a vida daquele que era o principal construtor da nova poesia em basco, e o eco dessa comoção se fez sentir por toda a Península Ibérica. Em *Pasárgada* publica-se o poema dedicado à sua memória por um compatriota, Blas de Otero, e Luis Haranburu-Altuna e Xabier Kintana comentam sua figura. É Kintana quem destaca um elemento essencial para sua reivindicação em *Pasárgada* (1976, p.37): “Bascamente e marxista consciente, Aresti foi um defensor apaixonado das línguas ibéricas, mantendo excelentes relações com diversos escritores galegos e catalães.” Gabriel Aresti, no País Basco, juntamente com Salvador Espriu, na Catalunha, e Celso Emilio Ferreiro, na Galícia, formaram uma trindade lírica com uma motivação política estreitamente vinculada a setores próximos do Partido Comunista e ao desenvolvimento programático da poesia social, cuja diversidade *ibérica* também havia sido mostrada internacionalmente.¹⁸ Embora, já em 1976, a poesia social estivesse em declínio e recebesse fortes críticas das novas gerações, o ibérico mantinha certo apelo, inclusive para setores libertários, antiautoritários e visivelmente opositores de qualquer partidocracia, os quais revitalizavam essa tradicional designação do anarquismo peninsular.¹⁹ A redação de *Pasárgada* traduziu para o português a seguinte apresentação da colaboração de Aresti: “Os poemas de Gabriel Aresti publicados neste número são inéditos, exceto ‘Nire aitaren etxea’, que pertence ao livro *Harri eta Herri* (1964). As traduções castelhanas são do próprio Aresti. ‘Oh, preu Dolor...’ é o último poema escrito por Gabriel Aresti, pouco antes da sua morte.”²⁰ Os poemas selecionados de Aresti possuem um componente marxista e nacional explícito — não exclusivamente

18 Referi-me a esse respeito em Cerdà, 2016. Egito Gonçalves é um dos elementos mais ativos em Portugal na promoção de uma estratégia ibérica no desenvolvimento internacional da poesia (social) portuguesa. Assinalo também, como sucesso internacional dessa estratégia, a antologia *La poésie ibérique de combat*, organizada por François Lopez e Robert Marrast (Paris, Éditions Pierre-Jean Oswald, 1966).

19 Sobre a adaptação e recuperação do iberismo catalanista durante a Transição, veja-se Martínez-Gil, 2016.

20 Agradeço cordialmente a gentileza de Jon Kortazar ao se dispor a esclarecer minhas dúvidas sobre Aresti; sua antologia de Aresti, *El ciclo de la piedra* (2020), aproxima o público hispânico de um dos poetas peninsulares mais influentes da segunda metade do século XX.

basco (vide a oportuna [ou oportunista] inclusão do poema “Motor Ibérica”, no qual menciona suas três pátrias: Euskadi, Espanha e Europa). Mas talvez o poema mais destacado, como indica a apresentação, seja “Oh, preu Dolor...”.²¹ O título, em catalão, é extraído do drama *Lucrecia* (1769), de Joan Ramis, embora o poema trate de Antonio Machado, de seu túmulo em Collioure, e da necessidade (sentida como própria por alguém que, como Aresti, não teve o basco como língua materna) de “linguam vostram nasciete”. Uma consigna, portanto, que converge com a da contracapa de *Pasárgada*: a necessidade de ler (e aprender) as línguas dos povos da península.

O cenário político de *Pasárgada* está marcado por uma conjuntura que hoje percebemos como muito distante da nossa realidade. Diversas forças do antifranquismo defendiam uma nova configuração para as nacionalidades peninsulares — inclusive a portuguesa, que estava em plena evidência devido ao processo revolucionário. O velho ideal da federação ibérica ressurgia em meio à solidariedade internacionalista, a um terceiro-mundismo que ganhava espaço na opinião pública ou, simplesmente, como uma opção de ruptura (a mais). *Pasárgada* colocou em prática uma aspiração desse antigo ideal iberista: a de criar uma publicação multilíngue que aproximasse os povos e as culturas da Península. E, com isso, alcançar uma comunidade interliterária plurilateral, como definiu Dionýz Ďurišin.

Seabra teve sua oportunidade. Havia recebido o esplêndido aprendizado teórico e prático internacionalista proporcionado pelo esperantismo. Ganhara a estima, de forma igual, de todas as línguas e culturas com as quais teve contato — e foram muitas, e muito variadas. E respeitava o princípio da territorialidade linguística, aprendido, entre outros, com Delfí Dalmau, e que se harmonizava com a máxima incorporada no poema de Aresti: “Linguam vostram nasciete”. Mas também sua trajetória pessoal — sua vida compartilhada com a escritora goesa Vimala Devi — fez com que ele tivesse uma vivência e um conhecimento dos processos de descolonização que singularizam sua maneira de conceber essa comunidade interliterária plurilateral. Seabra não evitava o atrito; buscava com afincos os espaços de hibridação e de coexistência conflituosa. Essa foi sua resposta diante de qualquer autoritarismo — inclusive o linguístico e o cultural.

21 Según se ha verificado en el manuscrito conservado de la mano de Aresti, está fechado el 9 de mayo de 1975 (Otaegui, 2018, p.821).

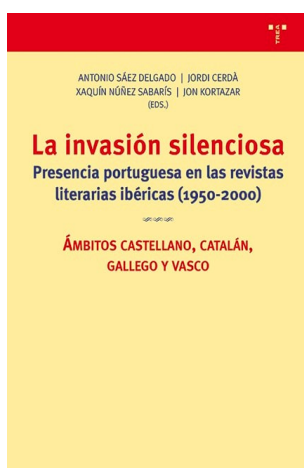
Pasárgada é anterior à Constituição espanhola e ao desdobramento do mapa das autonomias — ao processo de homologação territorial que desarticulou boa parte das aspirações de plurilateralidade cultural entre os territórios e culturas da Península. *Pasárgada* é o testemunho de uma esperança, de aspirações e de práticas de múltiplas interações que acabaram por desembocar numa aporia.

*Em Pasárgada tem tudo.
É outra civilização.*

The adventure of Pasárgada

Jordi Cerdà Subirachs 

Tradução de Maryllu de Oliveira Caixeta 



CERDÀ SUBIRACHS, Jordi. 2023. La aventura de Pasárgada. In: SÁEZ DELGADO, Antonio; CERDÀ SUBIRACHS, Jordi; KORTAZAR, Jon; NÚÑEZ SABARÍS, Xaquín. La La invasión silenciosa. Presencia portuguesa en las revistas literarias ibéricas (1950-2000). Gijón: TREA, 2023. ISBN 978-84-19823-65-6

<https://trea.es/producto/la-invasion-silenciosa/>

ABSTRACT

In the 1960s and 1970s, the Portuguese writer Manuel de Seabra organized several publications that, like the writer himself, had an internationalist and revolutionary character, along with a far-reaching linguistic ideal—one capable of valuing both the multilingualism of the Iberian Peninsula and Esperanto. Among these publications, the article highlights the avant-garde magazine Pasárgada, which featured texts by various Iberian writers, as well as by Gramiro de Matos from Bahia, who at the time was involved in the cause of African independence movements. The article outlines a detailed map of the publications and writers associated with this poetic pathos, which, not by chance, gained strength and expression in Catalonia.

KEYWORDS:

Pasárgada
Gramiro de Matos
Manuel Seabra
Esperantism
Linguistic utopia

SUBMETIDO: 9 de maio de 2025 | **ACEITO:** 10 de junho de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de outubro de 2025
© **fólio - revista de letras 2025. Licença/Licence:** [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

REFERÈNCIES

- ALBÓ, Imma. Fèlix Cucurull. La lluita per l'autenticitat, Barcelona: La Llar del Llibre, 1986.
- ALTAIÓ, Vicenç. Tarotdequinze, Cristalls, Èczema, Àrtics (1972-1990). In: ALTAIÓ, Vicenç (dir.): Literatures submergides. Barcelona: Departament de Cultura de la Generalitat de Catalunya, 1991, p.64-71.
- ALTAIÓ, Vicenç; GUILLAMON, Julià. La revolta poètica (1964-1982). Barcelona: Galàxia Gutenberg, 2012.
- ARESTI, Gabriel. El ciclo de la piedra. Antología. Edición de Jon Kortazar, Madrid: Visor de Poesía, 2020.
- CAMEIRÃO, Lurdes. Epistolário espanhol de Teixeira de Pascoaes. (Cartas de intelectuais espanhóis a Teixeira de Pascoaes). Prefácio de Ángel Marcos de Dios. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.
- CERDÀ SUBIRACHS, Jordi. 'Del contacte de l'ànima catalana ab la portuguesa'. Maragall i Portugal. Haidé, n.1 (2012), p.27-55.
- CERDÀ SUBIRACHS, Jordi. Manuel Seabra e a esperança no homem. In: Suroeste. n.4 (2014), p.179-187.
- CERDÀ SUBIRACHS, Jordi. Egito Gonçalves a José Agustín Goytisolo, el testimonio de una *camadaragem*. In: *Suroeste*, n.6 (2016), p.153-169.
- CERDÀ SUBIRACHS, Jordi. El Brasil en la Barcelona de postguerra. In: *Dictatorships & Democracies*, n.6 (2018), p.9-50.
- CERDÀ SUBIRACHS, Jordi. Espécies de espaços ibéricos. In: FONTES, M. A.; CAN, N. A. y CHAVES, R. (coords.): *Geografias literárias de língua portuguesa no século XXI*. Roma: Tab Edizioni, 2021, p.343-359.
- CERDÀ SUBIRACHS, Jordi. La Barcelona (pan)hispanista del primer franquisme. In: LUNARDI, E. Bou y S. (eds.). *Iberismo(s)*. Venecia: Edizioni Ca'Foscari, 2023, p.113.
- DELGADO GÓMEZ-ESCALONILLA, Lorenzo. *Imperio de papel. Acción cultural y política exterior durante el primer franquismo*. Madrid: CSIC, 1992.
- DOMINGO MARTÍN, Javier. La recepción de la literatura portuguesa en las revistas del Instituto de Cultura Hispánica (1948-1955): Cuadernos Hispanoamericanos, Mundo Hispánico y Correo Literario. In: *Signa*, n.30, 2021, p.419-446.
- FARRÉS, Ramon. "'Quinze poetas catalães': l'antologia de João Cabral de Melo Neto que va donar a conèixer la literatura catalana al Brasil". In: ALBERT, C.; FRIEDLEIN, R. e MARTÍ, I. (eds.). *Els catalans i Llatinoamèrica (s. XIX i XX). Viatges, exilis i teories*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2017, p.269-279.
- FAULÍ, Josep. *L'interludi tràgic*. Barcelona: Edicions 62, 1981.

- MARTÍNEZ-GIL, Víctor. "Cartes de Salvador Espriu a Vimala Devi i a Manuel de Seabra". *Els Marges*, n.76, 2005, p.79-104.
- MARTÍNEZ-GIL, Víctor. "Cucurull, Fèlix". In: BACARDÍ, M. y GODAYOL, P. (dirs.). *Diccionari de la traducció catalana*. Vic: Eumo, 2011, p.165-166.
- MARTÍNEZ-GIL, Víctor. "Revolució, iberisme i posmodernitat em la cultura catalana dels anys setanta". In: BENEDETTO, N. de y BOU, E. (eds.). *Novecento e dintorni. Grilli in Catalogna*. Venecia: Edizioni Ca'Foscari, 2016, p.183-218.
- OTAEGUI IMAZ, Lourdes. "Gabriel Arestiren poesia zentsuraren aurrean. Isiltasun garaietarako kodea". *Euskera*, n.2, 2018, p.789-827.
- PASÁRGADA. *Pasárgada. Revista de cultura. Kultur Aldizkaria*, n.1, Lisboa, 1976.
- PERRONE, Charles A. "De *Noigandres & Navilouca* a *Coyote & Oroboro*: las revistas brasileñas de invención y las antologías antinormativas". *Nerter*, n.10, 2007, p.77-81.
- REVELLES ESQUIROL, Jesús. "Iberisme i poesia portuguesa a Mallorca: *Ponent* (1956-1974)". *Estudos Literários*, n.11, 2021, p.261-283.
- SOLÉ CAMARDONS, Jordi. *El discurs ecoidiomàtic de Delfí Dalmau*. Lleida: Pagès Editors, 1998.
- SAMSÓ, Joan. *La cultura catalana: entre la clandestinitat i la represa pública* (1939-1951). v.2. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1995.
- VIQUEIRA, Miguel. "Entrevista con Fernando Assis Pacheco". *Grial*, n.120, 1993, p.475-498.